



## CULTURA CABOCLA AMAZÔNICA:

saberes e organização sócio-produtiva dos moradores na Ilha do Combu/Pará

Flavia Ferreira Gomes<sup>1</sup>

Sônia Socorro Miranda Batista<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo descreve a cultura cabocla amazônica, saberes e organização sócio-produtiva dos moradores na Ilha do Combu (Belém-Pará). Situando particularidade e singularidade evidenciando o saber subjetivo na relação do homem com a natureza. Numa dinâmica complexa onde equilíbrios tradicionais foram entrecortados passando por dinâmicas de reestruturação de sua identidade e potencial produtivo. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa etnográfica baseada na caracterização da cultura cabocla amazônica.

**Palavra-chave:** cultura cabocla, saberes, organização sócio-produtiva.

**ABSTRACT:** This article describes the culture cabocla Amazon, knowledge and socio-productive organization of residents on the island of Combu (Belém-Pará). Situating particularity and singularity showing subjective knowledge in man's relationship with nature. In a complex dynamic where traditional balances were interspersed undergoing dynamic restructuring of its identity and productive potential. In terms of methodology, it is an ethnographic study based on the characterization of culture cabocla Amazon.

**Key words:** cabocla culture, knowledge, social and productive organization.

<sup>1</sup> Mestre. Secretaria Executiva de Educação (SEDUC/PA). E-mail: flaviaferreira31@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre. Secretaria Executiva de Educação (SEDUC/PA). E-mail: sonia\_batista63@hotmail.com



## 1 INTRODUÇÃO

O *locus* desta pesquisa é a Ilha do Combu localizada no estuário do rio Amazonas cerca de 1 Km da orla sul da cidade de Belém à margem do Rio Guamá. Considerada, em espaço territorial a quarta maior ilha de Belém. Possui uma área de 15Km<sup>2</sup> com aproximadamente 95% da sua superfície encoberta por mata de várzea do tipo secundária, com composição florística variada, árvores de grande porte e sub-bosque, solo razoavelmente fértil. Os principais sistemas de uso da terra no estuário são: o extrativismo vegetal, a pequena agricultura, a criação de animais domésticos, caça e pesca artesanal.

O único acesso à ilha se faz pelo transporte fluvial (motor de popa, rabeta e voadeira), que leva de 15 a 20 minutos, até o desembarque; rios, furos e igarapés são as vias de acesso - as ruas e as estradas locais da Ilha a cidade de Belém - é uma cidade ribeirinha, com uma população tipicamente cabocla, não apenas em sua gênese, pois, historicamente, o rio representou a prevalência como principal via de acesso e integração da cidade a nível regional e nacional. Diante desta assertiva é possível compreender, então, que a formação social destas populações caboclas enquanto categoria designativa favorece a identificação de elementos definitórios como: modo de vida, aproveitamento e exploração de recursos naturais, ocupação e apropriação do território, formas de sobrevivência, identidade cultural e simbólica, crenças e valores.

A partir da década de 1980, na Amazônia, ocorreram movimentos socioambientais que colocaram em evidencia o etnoconhecimento das populações tradicionais e a reprodução social dos recursos naturais, mesmo com a intensificação das formas de ocupação capitalista nos espaços amazônicos houve o reconhecimento político dessas populações tradicionais amazônicas pelas práticas da utilização dos recursos naturais além do respeito pelo ciclo da vida, da cultura (signos, saberes e símbolos) e valorização dos processos produtivos e, certamente se tornaram os protagonistas nas causas da conservação da natureza (GEERTZ, 1986; CASTRO 1997). Nesse contexto, essas populações alçaram a uma nova condição. Passaram a ser vistos como importantes agentes de uma nova forma de desenvolvimento social que confronta a sociedade moderna capitalista, em diferentes dimensões, à medida que o seu sistema social orgânico e cultural expressa complexidade por redefinir lugares, identidades, relações e processos, evidenciando a necessidade de fortalecer vínculos da cultura cabocla amazônica.



Para compreender o processo da cultura cabocla amazônica na Ilha do Combu, que se localiza próximo à região continental de Belém deve considerar a ilha como um lugar em que índios e escravos se refugiavam das perseguições dos europeus, o que contribuiu grandemente para a miscigenação. Nesse sentido, emerge o caboclo amazônico, identificado como morador do interior, que vivia, ou vive interagindo com os rios e a floresta; por isso é, também, chamado de ribeirinho.

Sendo, considerado como principal sujeito da ocupação do espaço amazônico, logo, seu modo de ser, agir e viver peculiar contribui para a apropriação de relevantes símbolos, principalmente, o rio e a floresta, dos quais retiram elementos indispensáveis para a constituição dos saberes e da sua organização sócio-produtiva.

Tudo, porque os ribeirinhos belenenses situados nessas ilhas convivem com um *modus vivendis* que agrega elementos de populações características, numa imbricada relação com a modernidade da metrópole, evidenciada na busca de um modo de viver instrumentado pela cultura cabocla amazônica conservada por seus habitantes como fazem os moradores da Ilha do Combu.

Neste trabalho descrevemos a cultura cabocla amazônica, saberes e a organização sócio-produtiva dos moradores na Ilha do Combu, situando particularidade e singularidade. Essa ilha compreende o território de 1.493 hectares. É uma área de proteção ambiental.

## 2 CULTURA CABOCLA AMAZÔNICA

A palavra “cabocla” foi emprestada do tupi e significa mestiçagem de índio com branco, europeu ou com negro africano e seus descendentes. E, na Amazônia, passou a designar classe de produtores que controlava os meios de produção e produtos de sua própria mão-de-obra; ou grupo que vive em relação de complementaridade com a natureza, retirando dela o necessário à sua sobrevivência. Por isso, de acordo com Carvalho (2009, p.52): “[...] entendido como grupo humano distinto e ao mesmo tempo percebido como pequenos agricultores”.

Constituiu uma camada social que viveu em cabanas construídas sobre estacas<sup>3</sup>, nas aéreas de várzeas. De origem ameríndia, foram “modelados” nos aldeamentos

---

<sup>3</sup> Pedaco de madeira retirado de árvore que se crava na terra para construção de cabanas



dos missionários e nas vilas dos colonos dos séculos XVII a XIX, tratados, por um lado, como seres humanos “incultos”, que precisavam se integrar num projeto civilizatório-cristão, e, por outro, cobiçados como mão-de-obra barata, imprescindível para a exploração econômica da região.

Cabe ressaltar que o caboclo é o habitante do interior amazônico que pratica atividades, fundamentalmente, herdadas da cultura indígena: a caça, a pesca, a coleta florestal e as pequenas agriculturas. Sua designação vem de um termo que, de acordo com Leal (apud NASCIMENTO, 2006, p. 94), pertence ao nheengatu Cacá-bõc - “tirado do mato” - subentendendo-o como herdeiro legítimo do quadro cultural do índio.

Nesse contexto, o caboclo amazônico traduz no seu cotidiano a capacidade de internalizar as condições, numa perspectiva de sustentabilidade, a tradução de diversos processos que constituem o ambiente (tempos ecológicos de produtividade e regeneração da natureza e valores sociais e culturais). Portanto, acreditamos que é aquele que detém os saberes nativos sobre a região, isto é, reconstituído como originário do lugar, herdeiro dos antepassados indígenas e adaptado à natureza (RODRIGUES, 2006).

Desta maneira, além dele criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com um sistema cultural singular. Promove (LEFF, 2001) a formação de saberes, os quais se inscrevem na subjetividade em tensão com a realidade objetiva, numa práxis de construção do real que enfrenta interesses contrapostos imersos na fluidez dos saberes pessoais e coletivos. Ainda, integrou-se e formou a identidade cultural no sentido ético e estético.

Esta subjetividade contempla também, um imaginário mítico habitado por seres e entidades espirituais apropriadas para explicar a ocorrência de determinados fenômenos que escapam da racionalidade acadêmica, e o uso de certas tecnologias tradicionais. Segundo Simonian (2005) os usos relativos as plantas medicinais tem no conhecimento o imaginário amazônico, evocando as crenças não católicas, como protetoras da mata e dos animais, ou “exorcizando-as” de seus poderes maldosos. Tais manifestações estão presentes na população das várias cidades regionais, inclusive na capital do Estado do Pará.

Como essa subjetividade pode ser descrita a partir dos saberes e sua incidência na organização sócio-produtiva na Ilha do Combu? No que tange à ilha, o caboclo é representado pela sua população, que é ribeirinha e caracterizada por um saber cultural



marcado pelas atividades realizadas por moradores. Estes formulam uma série de hábitos e costumes sociais estabelecidos de forma normativa imprimindo os fundamentos de sua identidade.

O saber ambiental ultrapassa as “ciências ambientais” estendendo para além do campo de articulação e da interdisciplinaridade dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes culturais para possibilitar a apropriação da natureza, conseqüentemente, organiza as bases de sua produção material.

### **3 SABERES E ORGANIZAÇÃO SÓCIO-PRODUTIVA DOS MORADORES DA ILHA**

Para Leff (2001) o ambiente é uma categoria sociológica (e não biológica) relativa a uma racionalidade social, configurada por comportamentos e saberes. Nesta perspectiva de análise o saber cultural dos moradores da ilha se revela nas práticas ou nos fazeres do dia-a-dia. Nas formas de organizações e nas práticas sociais originadas num modo de viver que se apropria dos recursos naturais e nas tradições deixadas pelos ancestrais, interagindo e garantindo a sua reprodução material e cultural no contexto social.

Para Geertz (1997), esses conhecimentos práticos dos aspectos da natureza que se relacionam com o bem-estar são saberes empíricos e incompletos, devido não serem transmitidos, sistematicamente e, sim, passados de uma geração a outra, de forma lenta e casual, durante o desenvolvimento do homem. Apesar disso, o caboclo amazônico, por exercer teimosamente sua territorialidade, cria raízes e exercita uma intimidade com a natureza, a partir da permanência no lugar. Propicia o acúmulo de sabedorias locais relacionadas a produtos culturais, medicinais, de magia, de habitação, de transporte fluvial e etc.

Dessa forma, os saberes sócio-produtivos dos moradores da Ilha do Combu é um saber repassado pelas relações de parentesco e vivência. Nota-se que nestas relações tradicionais a autoridade representativa dos mais velhos assim, como os vínculos de pertencimento ao lugar determinam e asseguram a permanência de certas práticas, coercitivamente, negadas pelas relações com a metrópole Belém. Estes moradores em seu núcleo familiar se organizam e se dedicam a cada atividade produtiva por membros deste



núcleo em obediência a este contexto. Assim, acontece a divisão social do trabalho no interior das populações ribeirinhas.

Esses saberes culturais dos moradores da ilha representam o imaginário em relação à flora, fauna e aos rios, pois, estão ligados ao existir pessoal dos moradores, e envolvem situações de sobrevivência, como: a caça, o plantio dos roçados, a derrubada e queimada da mata, e a pesca nos rios, denotando uma compreensão associada às condições ambientais (FRAXE *et al*, 2007).

O uso desses saberes se tornou elemento norteador da ação humana no contexto da ilha e possibilitou a convivência com a natureza. Pela empiria, os moradores da ilha aprenderam que era necessário preservar os recursos naturais, extraindo apenas o suficiente para suprir própria demanda. Simonian (2005, p.61) explica que:

[...] os caboclos amazônicos são os que vivem em íntima relação com o ambiente e que, apesar de disporem de uma tecnologia simples, conseguem não apenas sobreviver dos recursos naturais disponíveis, mas desenvolver toda uma cultura, uma complexidade ímpar e que inclui estratégia de conservação.

Nas múltiplas atividades desenvolvidas por esses moradores é notória a forte relação entre o tempo social e o tempo individual entrelaçados com o tempo da natureza. Nesse sentido, Castro (1999) cita-os sustentados nos saberes sobre o tempo das marés, dos igarapés, da terra, da mata, do período de desova das espécies, da chuva e do sol, explicando suas práticas sociais, técnicas e relações produtivas, mostradas num aspecto diferenciado pela educação formal.

Diegues (2000) explica esse fenômeno, considerando que um dos aspectos relevantes na definição de cultura simples é a existência de um sistema de recursos naturais marcado pelo respeito aos ciclos da natureza e por sua exploração. E que esse sistema não visa somente a exploração econômica dos recursos naturais, mas revela a existência de um conjunto complexo de conhecimentos.

Loureiro (2009) explica que esses saberes são conhecidos e reconhecidos por segmentos restritos da sociedade. Logo, esses saberes são chamados de populares porque são frutos de “experiências de vida (trabalho, vivência afetiva, religiosidade, etc.), como explica Knijnik *et al* (2012)”. A cultura passa a ser compreendida como uma produção, densa e mudável.



#### **4 APROXIMAÇÕES EMPÍRICAS**

A abordagem qualitativa norteou esta pesquisa, tendo a etnografia como base para a aplicação das questões e os pressupostos fenomenológicos como forma de caracterizar os eixos norteadores voltados aos moradores da Ilha do Combu. Este tipo de abordagem permite descrever, observar e compreender os aspectos subjetivos que se apresentam nos fenômenos sociais.

Neste sentido, foram realizadas entrevistas estruturadas, por meio de formulário, com dez moradores da ilha. Os dados obtidos com esse instrumental foram analisados e interpretados, a partir do uso de tabelas, objetivando a articulação de dados empíricos, que, convenientemente, trabalhados refletem processos teóricos- metodológicos que favorecem a compreensão da realidade estudada.

A pesquisa de campo foi realizada em 4 (quatro) meses, contando com uma amostra definida pelos seguintes critérios: a) moradores idosos (homens e mulheres com 60 anos ou mais); b) moradores adultos (homens e mulheres de 26 a 59 anos); e jovens (de ambos os sexos de 14 a 25 anos), também moradores da ilha que mantinham contato com a cidade de Belém.

A narrativa dos pesquisados pode contribuir para a compreensão sobre os saberes e a organização sócio-produtiva. Entendendo a imbricada relação do homem com a natureza, por meio da linguagem, num ecossistema marcado pela particularidade e singularidade da Ilha do Combu.

Outros aspectos foram observados durante a pesquisa, porém, não serão aqui abordados, considerando a complexidade que enseja os estudos que versam os moradores da ilha do Combu.

#### **5 CONCLUSÃO**

Com esse estudo se constatou que a cultura cabocla amazônica está relacionada aos saberes dos moradores da Ilha do Combu. Nesse sentido, valoriza a produção do saber desses moradores na relação com o outro e com a natureza, devido à vivência estabelecida entre grupos.



Esses saberes representam o imaginário em relação à flora, fauna e aos rios, pois, estão ligados ao existir pessoal dos moradores, e envolvem situações de sobrevivência, como: a caça, o plantio dos roçados, a derrubada e queimada da mata, e a pesca nos rios, denotando uma compreensão em relação à natureza.

Isso significou perceber, empiricamente que a cultura cabocla amazônica está presente no saber cultural dos combuenses, que emergiu da miscigenação de diferentes povos. Envoltos numa dinâmica de relação, processos produtivos e vínculos demarcados por saberes que lhes popularizou como habitantes “da beira do rio e das florestas”.

Independentemente da localização urbana ou rural, os moradores da ilha do Combu, tem na heterogeneidade uma face de sua cultura, tal singularidade enseja a conflituosa dicotomia entre tradição e modernidade, materializada em processos de organização produtiva, tanto quanto nas relações estabelecidas para sustentar tais processos constituindo-se assim, a história social.

A pesquisa demonstrou que existiu uma tentativa de fortalecimento das atividades econômicas locais, cuja prevalência da identidade ribeirinha se contrapõe as externalidades da racionalidade produtiva dominante, configurando modelos alternativos de desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

BELÉM, Prefeitura Municipal. **Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão**. Anuário Estatístico do Município de Belém. Belém: v.3, 1996. p,17-18.

BOURIDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**: tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARVALHO, Maria do Carmo Brandt e J.P Neto. **Cotidiano**: Conhecimento e crítica. São Paulo, Cortez, 2009.

CASTRO, Edna. Tradição e Modernidade: A propósito de Processos de Trabalho na Amazônia. **Novos Cadernos NAEA**. Belém, v.2, n.1, 1997, p. 20-35.

DIEGUES, Antonio Carlos de (Org.). **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto *et. al.* **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas**: memória, *ethos* e identidade. Manaus: EDUA, 2007, p. 94.





GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTDA. 1989.

KNIJNIK, Gelsa et al. **Etnomatemática em movimento**. Belo Horizonte: Autentica Editora. 2012.

LEFF, Henrique. **Saber ambiental**, sustentabilidade, racionalidade, complexidade e poder. Ed. Vozes, 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **Cultura Amazônica**: uma diversidade diversa. In: Diversidade Cultural brasileira. Belém: Casa Rui Barbosa, 2009.

NASCIMENTO, Nadia Socorro Fialho. **Amazônia e Desenvolvimento Capitalista. Elementos para uma compreensão da “Questão Social” na Região**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes da Terra, da mata e das águas, saberes culturais e educacionais**. Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais de alfabetização Amazônica. Belém: CCSE-UEPA, 2003.

RODRIGUES, Carmem Isabel. Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença. In: **Novos Caderno NAEA**. Belém, v.9, Junho de 2006, p.120-122.

SANTOS, Milton. **Economia espacial**. Edusp, São Paulo, 2011.

SIMONIAN, Ligia T. L. Saber Local, Biodiversidade e Populações Tradicionais: perspectivas analíticas, limites e potencial. In: **Anais**: Saber Local/Interesse Global: propriedade intelectual, biodiversidade e conhecimento tradicional na Amazônia CESUPA: MPRG, 2005, p. 60-62.

TRINDADE JUNIOR, Saint- Clair Cordeiro da et al. **Belém: a cidade e o rio da Amazônia**. Belém: EDUFPA, 2005.